



Viagem de 10.000 kms à Noruega em Junho de 2003

A ideia de fazermos esta grande viagem até à Noruega surgiu pela primeira vez durante um fim de semana passado no Nordeste, em Janeiro último, na companhia dos meus habituais "colegas de aventura", o meu cunhado Manuel Carreiro, o meu bom amigo Carlos Paz Ferreira e as respectivas esposas.

Depois de uma preparação muito cuidada, a nossa nova aventura iniciou-se, efectivamente, com o embarque das motos para Lisboa em 11 de Junho passado, no Transitário Insulartráfego. As 3 motos - a minha Yamaha FJR 1300 e as outras duas Hondas ST1300 - foram devidamente acondicionadas num contentor de 40 pés que chegou a Lisboa no dia 16 de Junho.

No dia 17 embarcamos todos para Lisboa a bordo da Sata e, no dia seguinte, apressamo-nos a ir levantar as motos ao transitário "Rosa de Prata" em Chelas (Lisboa). Ao contrário do ano passado, desta vez as motos chegaram intactas graças aos berços especiais que utilizamos para as transportar dentro do contentor.

Já de moto, fomos almoçar neste dia a Monsanto com alguns amigos da lista FJR1300PT e do Moto clube de Lisboa para ultimar os detalhes do "1º Encontro FJR 1300 PT", que se realizou um dia após o meu regresso a Lisboa, mais precisamente durante o fim de semana de 12 e 13 de Julho. Neste mesmo dia aproveitei ainda para adquirir um novo equipamento para mim e para Elisa e afinar o comando duplo do alarme da minha moto na Motor 7.

1º dia – 19 de Junho de 2003



Depois de reunir, na noite anterior, toda a família residente em Lisboa para a habitual mariscada de despedida na "Cervejaria Ramiro", escusado será dizer que não foi necessário esperar pelo despertador para acordar muito antes das 06:30. Como sempre acontece, a excitação era tanta que mal dormimos. Às 07:00 encontramos com o casal Paz Ferreira e, conforme o planeado, encontramos-nos às 07:30 com o Manuel Carreiro e a minha irmã Annie na Área de Serviço de Aveiras, o ponto de encontro e partida de mais esta aventura. O dia estava radioso e, depois de um rápido pequeno almoço, dávamos início à grande viagem. Atravessamos a fronteira com Espanha em Vilar Formoso pelas 11:35 e fizemos a primeira paragem para almoço na bonita cidade de Salamanca, onde chegamos pelas 13:45 (hora local). O tempo estava muito quente, mas mal sabíamos que havíamos escapado por pouco à grande onda de calor que assolou a Península Ibérica nos dias que se seguiram. Depois do almoço rumamos a Biarritz, já em França, onde chegamos às 20:45 depois de percorrer 1.132 kms. Nada mau para o primeiro dia !

2º dia – 20 de Junho



Porque nos esperava um dia ainda mais longo até à Bélgica, às 08:00 da manhã já estávamos na estrada em direcção a Paris. Neste dia almoçamos pelas 13:00 perto de Tours a que se seguiu a sempre difícil travessia de Paris, sob um calor intenso. Mesmo assim e graças ao respeito que os condutores franceses têm para com os motociclistas, conseguimos livrar-nos do intenso tráfego das circulares da cidade em apenas 1 hora, sem qualquer erro de percurso. Após esta penosa travessia paramos para reabastecer e retemperar energias num posto de abastecimento nos arredores da cidade, altura em que o alarme da minha mota, porventura devido ao excesso de calor, descontrolou-se e não parava de apitar. Tanto assim que alguns "gendarmes" que se encontravam na área de serviço onde havíamos estacionado ainda me lançaram um olhar desconfiado, até que se aperceberam do que se estava a passar, rindo-se da minha atrapalhão a ligar e desligar o cabo de alimentação do alarme até conseguir fazer o respectivo "reset". Durante os 10.859 kms da viagem, a minha Yamaha FJR 1300 só teve este pequeno percalço técnico e um outro problema com o "joystick" do rádio, já em Ibiza. Os novos pneus Bridgestone BT-020 que montei para esta viagem comportaram-se também muito bem, com um desgaste reduzido para o grande número de quilómetros percorridos.

De seguida rumamos em direcção a Lille e depois a Dunkerque, atravessando finalmente a fronteira entre a França e a Bélgica às 19:35. Neste dia percorremos 1.118 kms.

Pelas 20:00 horas chegamos ao charmoso Boothotel La Peniche, situado junto às extensas praias da costa Belga onde, curiosamente, se pesca ainda camarão a cavalo, uma prática única no Mundo. Fomos acolhidos calorosamente pela Vera e pelo Francis, os donos do hotel, ambos possuidores de Yamaha's FJR 1300/A, e outros dois amigos motards belgas, o Luc e o Ronnie. Depois do check-in e de um revigorante duche, fomos obsequiados com um extraordinário jantar que incluiu 12 pratos típicos da cozinha Belga, extremamente bem apresentados e confeccionados, regado com um excelente vinho branco. À meia noite e porque o meu cunhado Manuel Carreiro fazia anos, a Vera e o Francis preparam um espectacular bolo de aniversário, muito bem decorado com uma auto-estrada em chocolate, três motos e sinais "Lisboa", "Boothotel La Peniche" e "Norway", representativos da nossa viagem. A festa acabou tarde e num ambiente de muita alegria, tanto assim que já trocávamos o nome do pequeno cão de estimação "Bichon frisé" do hotel de "Gérard" para "Richard" ... Foi um grande momento de confraternização "motard" e, sem dúvida, um dos mais agradáveis de toda a nossa viagem.

3º dia – 21 de Junho



Depois do delicioso e bem regado repasto da noite anterior, pela primeira vez nesta viagem, não conseguimos cumprir o nosso programa, saindo do Boothotel La Peniche pelas 09:30 em direcção à fronteira da Holanda onde nos esperava outro grupo de motards, membros do clube Yamaha FJR 1300 Holandês. Chegamos à fronteira pelas 11:45 e, depois de uma agradável confraternização de cerca de uma hora com os nossos simpáticos amigos Holandeses Toon, o Mettes Van Der Giessen e a esposa Maritza e o Vic Sadowski, retomamos a estrada em direcção à Dinamarca, passando primeiro pela Alemanha.

Devido ao atraso na saída da Bélgica e, mais tarde, a um pequeno engano de itinerário na Holanda, infelizmente falhamos o encontro para almoço que havia marcado com o Heiko e outros amigos Alemães, do clube FJR 1300 germânico, que nos esperavam em Bremen. Tive de facto muita pena deste desencontro. Neste dia almoçamos num restaurante de estrada à saída de Essen, já na Alemanha, rumando à tarde para Bremen, Hamburgo e finalmente Hirtshals, no Norte da Dinamarca, de onde embarcamos para a Noruega. O último troço deste dia na Dinamarca foi penoso, não só pelo reduzido limite de velocidade e rigorosa fiscalização imposta nas estradas Dinamarquesas, mas também pela monotonia do trajecto, muito plano e quase sempre em linha recta, com o frio a aumentar rapidamente à maneira que nos aproximávamos de Hirtshals, situado no extremo Norte do País.

Depois de percorridos 1.275 kms chegamos finalmente a Hirtshals cerca das 23:00 horas. Como havia dois portos para os ferries, demoramos ainda cerca de 30 minutos à procura do porto de embarque correcto, debaixo de um vento frio que quase nos enregelava. Só chegamos ao ferry "Boavista" da Kystlink meia hora antes da partida. Porque esta companhia dedica-se quase exclusivamente ao transporte de camiões TIR, os camionistas têm preferência na reserva dos camarotes. Só por especial favor conseguimos reservar 3 camarotes para podermos dormir antes de chegar à Noruega, por forma a recuperarmos convenientemente dos 3.525 kms percorridos nos 3 dias anteriores. Devido ao forte vento que se fazia sentir, apanhamos mar muito forte à saída da Dinamarca, que fazia o barco

baloçar e ranger vigorosamente. Mas como o cansaço era mais que muito, depois de um rápido jantar a bordo e de um duche tomado já em equilíbrio muito instável, dormimos profundamente até à nossa tão esperada chegada a Langesund, na Noruega, às 08:00 da manhã seguinte.

4º dia – 22 de Junho



Ao aproximarmo-nos lentamente de terra, a bordo do "Boavista", apercebemo-nos de imediato o quão bonita é a natureza Norueguesa. Ao chegarmos a Langesund ficamos logo encantados com a beleza e a calma daquela pitoresca cidade do litoral, com as suas pequenas casas de madeiras pintadas das mais diversas cores e todas muito bem arrançadas. Depois de desembarcarmos as motos, foi com muita alegria que deparamos com uma simpatiquíssima "comissão de boas vindas", o Ommund, também proprietário de uma FJR 1300, e o casal Blom - a Julia e o Hakon - proprietários de uma Honda Goldwing que, juntamente com o meu amigo Henning Sunde, muito nos ajudaram na preparação do roteiro e indicação de hotéis na Noruega. Depois das apresentações e "troca de galhardetes" (levamos connosco uns autocolantes dos Açores e da nossa viagem que fomos distribuindo ao longo do percurso), paramos numa bomba de gasolina para reabastecer. Aí apercebemo-nos logo do elevado custo de vida na Noruega ao pagar 1,5 euros por litro de gasolina. Guiados pelo nosso amigo Ommund, seguimos de Langesund até ao maciço central da Noruega em direcção a norte, parando para almoçar num bonito restaurante com vista para um lago gelado, perto de Haukeligrend.

Foi nesta altura que o Manuel Carreiro deixou cair a mota no chão. O motor foi-se abaixo e ele não conseguiu evitar o tomo. A ST1300 felizmente não sofreu qualquer dano, mas ele ficou com o ego profundamente ferido...

Só tínhamos percorrido cerca de 200 kms por terras dos Vikings, mas já estávamos completamente rendidos à beleza da paisagem Norueguesa. Uma sucessão de lagos, montanhas, riachos e cascatas de uma beleza indescritível. Depois do almoço e sempre guiados pelo Ommund, visitamos a imponente cascata de Laatefoss, perto de Odda, e continuamos a nossa caminhada em direcção a Norte, para Ulvik, onde os Pais do Ommund têm uma casa de Verão extremamente bem localizada, no cimo de uma montanha, com uma vista soberba sobre um dos muitos majestosos fiordes da Noruega.

Foi justamente a caminho de Ulvik que aconteceu o único incidente desta viagem, que podia ter tido consequências bastante graves. Eu seguia à frente com o Ommund e, a umas dezenas de metros atrás, vinham o Manuel, o Carlos e o Hakon quando, ao atravessarmos um túnel, cruzamo-nos com um camiã TIR. Como o túnel era a descer, o camiã, que seguia em sentido contrário, vinha em esforço. Foi então que, mesmo à minha frente e do Ommund, o turbo compressor do motor do TIR explodiu, envolvendo-nos a todos numa enorme e espessa nuvem de fumo branco, que nos deixou completamente às cegas. Porque eu e o Ommund vínhamos mais adiante e já havíamos visto a saída do túnel, embora ofuscados, conseguimos atravessar a densa nuvem de fumo e sair do túnel. O mesmo não aconteceu aos restantes, que ficaram presos no meio do irrespirável fumo durante vários minutos sem saberem para onde ir. Tanto assim que o Carlos ultrapassou o Manuel pela direita sem ao menos se aperceber disto e, felizmente, sem o tocar. Valeu o sangue frio da Teresa e das restantes mulheres que saltaram de imediato das motos e conduziram os maridos, a pé, seguindo a linha branca do piso do túnel que, embora com grande dificuldade, conseguiram ainda ver. Já no exterior e ao dar pela falta dos restantes, temendo o pior, eu e a Elisa reentramos no túnel para os socorrer, convencidos que os iríamos encontrar acidentados, uns em cima dos outros. A nossa angústia foi aumentando à medida que entrávamos no túnel, repleto de fumo, e só nos deparávamos com outras viaturas que seguiam em sentido contrário a fazerem marcha atrás para fugirem àquele inferno. Até que, para nosso grande alívio, vislumbramos finalmente os faróis da ST 1300 do Carlos, logo seguido do Manuel e do Hakon, guiados a pé pelas respectivas mulheres. Fugimos rapidamente do túnel e estacionamos à saída. Estávamos ainda todos em pânico e confusos, sem saber bem como nos havíamos livrado daquele pesadelo. Valeu-nos os simpáticos ocupantes de uma caravana, que ao verem o nosso estado, nos ofereceram leite para desintoxicar. O Ommund, que se manteve prudentemente fora do túnel, já chamou a polícia e os bombeiros, que chegaram passados 15 minutos, estava ainda o túnel a fumar. Refeitos do grande susto retomamos o nosso caminho em direcção a Ulvik e, em Brimnes, atravessamos o primeiro fiorde num ferry até Nesheim. A travessia foi rápida pois toda a operação de embarque e desembarque decorreu com grande disciplina e organização.

Chegados a Ulvik subimos uma sinuosa estrada de montanha até à pitoresca casa de Verão dos Pais do Ommund, com uma vista soberba sobre o fiorde. Visitamos a bonita e bem arranjada casa, que inclui um pequeno museu pessoal de equipamentos agrícolas muito antigos, que a Mãe do Ommund mantém na casa de arrumos. Para além de tirar muitas fotografias, aproveitamos para descansar um pouco frente àquela paisagem paradisíaca. O local é tão bonito que alguns de nós se propuseram ficar lá o resto das férias ...

Retomamos a sinuosa estrada de montanha até à via principal que nos levaria à conhecida estância turística de Flam, onde chegamos às 20:15 depois de percorridos os primeiros 463 kms na Noruega. Infelizmente e por uns escassos 30 minutos, não conseguimos apanhar o último comboio Flamsbana, que faz um tour panorâmico de uma hora e meia pelas montanhas que circundam Flam. Depois de um excelente jantar no Fretheim Hotel e uma noite bem dormida no tranquilo hotel Furukroa, situado nas bermas do fiorde, estávamos prontos para prosseguir o nosso fantástico passeio pela Noruega.

5º dia – 23 de Junho

Saímos de Flam pelas 9:00 horas, já sem a simpática companhia do Ommund, que regressou a casa naquele dia, conforme o inicialmente previsto. Por sua vez os nossos amigos Julia e Hakon necessitavam visitar um parque de campismo da Pluscamp, onde a Julia trabalha, pelo que neste dia tomaram um caminho diferente, só nos reencontrando depois do almoço.

À saída de Flam atravessamos o moderno túnel de Laerdal, o maior túnel rodoviário do Mundo com 24,5 kms de extensão. Por estarmos ainda mal recuperados do susto do dia anterior, infelizmente não conseguimos apreciar devidamente toda a grandiosidade desta magnífica obra da engenharia Norueguesa, com as suas grandes galerias centrais abobadadas e artisticamente iluminadas. À saída do túnel apanhamos mais um ferry para atravessar um fiorde até Songdal e, no horário previsto, estávamos a chegar ao imponente glaciar de Brigsdal, onde almoçamos.

Depois do almoço tomamos a direcção do famoso fiorde de Geiranger, ponto obrigatório de passagem de muitos navios de cruzeiro, sem antes passar por mais um glaciar a subir para uma zona montanhosa coberta de neve em que a temperatura era de apenas 6º C. Na estrada que desce para o fiorde de Geiranger decidi esquecer por momentos o rigoroso limite de velocidade de apenas 90 km/h que prevalece na maioria das estradas Norueguesas, para dar o “gosto ao punho”, aproveitando para fazer uma curvas fabulosas num alcatrão de excelente qualidade. Escusado será dizer que tive de esperar algum tempo até que os meus cuidadosos e respeitadores colegas chegassem ao miradouro de Geiranger, aproveitando para me deliciar com a fantástica vista sobre o fiorde.

Já no centro de Geiranger reencontramo-nos com os nossos amigos Julia e Hakon e prosseguimos a nossa viagem com destino ao ponto mais a Norte da nossa viagem - a cidade de Kristiansund, que escolhi simbolicamente por ter sido desta cidade que o meu Avô Nicolau Sousa Lima importou muitas toneladas de bacalhau para vender na sua pequena mercearia, o embrião do nosso actual grupo empresarial.

A caminho de Molde visitamos ainda a majestosa escarpa de Trollveggen, a mais alta escarpa de pedra da Europa com 1.814 metros de altitude a partir do vale em que nos encontrávamos.

Depois apanharmos mais um ferry até Molde e, de seguida, atravessamos a "Estrada do Atlântico" até ao local de embarque do último ferry para Kristiansund, às 23:30. A "Estrada do Atlântico" é extremamente bonita pois é composta por uma série de pontes que interligam vários ilhéus do Mar do Norte, daí o seu nome. Neste dia percorremos 574 kms.

Chegados a Kristiansund, fizemos uma refeição rápida num pub e recolhemos ao hotel cerca da 1 hora da madrugada, era ainda lusco-fusco. Aliás estávamos na Noruega justamente na época do sol da meia-noite, que acontece um pouco mais a Norte. O sol, que se havia posto às 23:35, voltou a nascer em Kristiansund eram 03:10 da madrugada, o que me fez acordar devido às cortinas pouco espessas da estalagem Havna Gjestehus, onde pernoitamos. É uma sensação no mínimo estranha pois perdemos completamente a noção do tempo solar.

6º dia – 24 de Junho

Neste dia e pela primeira vez na nossa viagem, o tempo apresentava-se sombrio, frio e chuvoso pelo que decidimos alterar o nosso percurso rumando directamente para Oslo, onde

o meu amigo Hennig Sunde e família nos esperavam para um churrasco. Este dia foi bastante penoso mas permitiu-nos sentir também um pouco o difícil clima Nórdico. Na estrada voltamos a apanhar 6° C o que, debaixo de uma chuva copiosa, quase me fez enregelar, não fosse o oportuno empréstimo de um "polar" por parte do nosso amigo Hakon.

Chegamos a Oslo pelas 18:30 depois de percorridos 640 kms, uma parte destes já feitos em auto-estrada. Porque não conseguimos encontrar a "Casa de turismo rural (Berger Gard)" muito típica que havíamos reservado nos arredores de Oslo, acabamos por pedir a ajuda de um taxi para lá chegarmos. Depois do habitual e revigorante duche de fim de dia, o nosso amigo Henning Sunde foi-nos buscar para o churrasco que preparara na sua casa. Foi um serão muito divertido e simpático em que relembramos a sua estadia em São Miguel, há três anos atrás, altura em que nos conhecemos. O Henning teve ainda a amabilidade de solicitar ao Pai que nos acompanhasse, no dia seguinte, numa viagem guiada ao "ski-jump" Olímpico de Oslo, que ele próprio havia participado como atleta há muitos anos atrás.

7º dia – 25 de Junho

Às 10:00 horas voltamo-nos a encontrar com a Julia e o Hakon que, em mais um gesto de grande amizade, nos guiaram numa visita à bonita cidade de Oslo. Almoçamos perto da marina e, à tarde, fomos visitar o "ski-jump" Olímpico de Oslo, muito bem acompanhados pelo Pai do Henning Sunde. É um local imponente, com vistas soberbas sobre Oslo. Pelas 16:00 horas e à saída do "ski-jump", despedimo-nos do Pai do Henning e também dos nossos amigos Julia e Hakon, que foram extremamente simpáticos e incansáveis para connosco ao longo da nossa inesquecível estadia na Noruega. Estivemos juntos apenas 3 dias e meio mas foi o suficiente para se alicerçar um sincera e profunda amizade. Tanto assim que, na hora da despedida, fez-se um momento de silêncio embaraçoso. Foi com pena que atravessamos a fronteira da Noruega para a Suécia, deixando para trás um país de paisagens fabulosas, estradas magníficas e gente muitíssimo simpática, educada e ordeira. Em suma, um País onde o termo social democracia faz pleno sentido pois, da mesma forma que não vimos pobreza, também não vimos qualquer ostentação de luxo ou riqueza, sendo que o ordenado mínimo é "apenas" o quádruplo de Portugal. O próprio parque automóvel, por exemplo, pareceu-nos bastante inferior ao nacional ... Conforme o programado, nesta tarde rumamos à Suécia, em direcção a Gotemburgo, onde chegamos pelas 19:00 depois de percorrer apenas 375 kms. Pela primeira vez nesta viagem enganei-me no percurso à entrada da cidade pelo que tivemos de pedir ajuda a um camionista que teve a gentileza de nos conduzir até à porta do hotel no tractor do seu TIR.

8º dia – 26 de Junho

Depois de uma noite bem dormida em Gotemburgo, retomamos a estrada pelas 08:30 em direcção a Berlim via Malmo, Copenhagen e Gedser, onde apanhamos o ferry para Rostok, já na Alemanha. Mais uma vez o tempo estava óptimo, o que foi praticamente uma constante durante toda a viagem. À passagem por Copenhagen encontrei-me com o Jorn Rosenkilde, um amigo de longa data das minhas lides na Internet e um apaixonado pelos Açores. Tanto assim que mantém, há já longos anos, um site muito informativo e bem ilustrado sobre os Açores, denominado "Beautiful Azores", que regista uma média de mais de 100 visitas diárias. Daí apelidar-lhe o "embaixador virtual dos Açores na Dinamarca".

Após este agradável encontro, retomamos a estrada em direcção a Gedser, onde só chegamos às 13:30, perdendo assim o ferry das 13:00, o que nos obrigou a aguardar até às 15:00 horas pelo próximo barco.

Chegamos a Rostok pelas 17:00 e partimos logo para Berlim. À entrada de Berlim falhei mais uma vez o itinerário (a A10), o que nos obrigou a entrar pelo lado leste da cidade, já com um grande atraso, só chegando ao hotel pelas 22:00 horas, após jantarmos num restaurante motard nos arredores de Berlim. Depois de mais este engano decidi que este seria o último ano que viajava sem um GPS.

Neste dia fizemos 740 kms.

9º e 10 dia – 27 e 28 de Junho

Depois de mais uma vistoria periódica ao nível do óleo, que se manteve impecável ao longo de toda a viagem, retomamos a estrada pelas 8:00 horas em direcção a Praga, na República Checa, via Dresden. Segundo os mapas do Autoroute deveria aparecer uma indicação para Praga logo a seguir a Dresden só que, por motivos de obras, a indicação do acesso a Praga aparecia sempre inoperacional (riscado). Estranhando esta situação acabamos por parar num posto de abastecimento para tentar saber o itinerário alternativo. Qual o meu espanto quando a simpática funcionária do posto, com um grande sorriso, nos entrega uma fotocópia do trajecto alternativo. Eram certamente tantos os que ali paravam perdidos que o posto de abastecimento achou por bem prestar um serviço público gratuito de distribuição de cópias do referido itinerário alternativo. Mesmo assim o trajecto era tão complicado que acabamos por nos perder momentaneamente numa das muitas vilas por onde passamos até retomar o itinerário principal em direcção à fronteira checa. Só imaginei onde teríamos ido parar se não nos tivessem cedido aquela fotocópia ...

Já na fronteira Checa tive mais um episódio desagradável com um condutor alemão que eu havia calmamente ultrapassado pela direita momentos antes porque este, à semelhança de muitos outros condutores alemães, pouco ou nada respeitam as motos e dificilmente se desviam da faixa esquerda da auto-estrada. Certamente irado pelo sucedido, quase me atropelou quando me encontrava na bicha a aguardar a vez para passar o controlo fronteiriço. Não fosse a minha mulher a história teria acabado bem mal. A esse propósito e da minha experiência de muitos milhares de quilómetros percorridos de mota na Europa, tenho de reconhecer que os condutores franceses e os espanhóis são os mais cordiais e cuidadosos para com os motards e, os alemães, de longe os menos cordiais. A entrada da Checoslováquia também impressionou-nos negativamente pois a prostituição junto à fronteira com a Alemanha é mais que muita. Um péssimo cartão de visita para qualquer País que, além do mais, pretende integrar a UE. Mais adiante e ao ultrapassar uma viatura numa vila ainda perto da fronteira, fui mandado parar pela polícia alegando que era proibido ultrapassar naquele local. Porque a mulher polícia só falava checo e alemão, gerou-se um longo dialogo de surdos, em que eu insistia que não havia qualquer risco contínuo na estrada e que seguia em velocidade moderada, enquanto que a polícia insistia que eu ia em excesso de velocidade e em transgressão. Finalmente e depois de me pedir os documentos e o passaporte, deixou-me seguir sem me multar. Logo aí senti o estado policial que ainda se vive um pouco por todo o País, inclusive em Praga. Na estrada para Praga encontramos várias brigadas de polícia de binóculos, em locais propícios a transgressões, numa autentica "caça à multa".

Enervado com tudo isto, falhei novamente a entrada para o centro de Praga, pelo que a única solução foi contratar um táxi que nos deixasse no hotel. O taxista, apercebendo-se do nosso desespero, cobrou 30 euros para um percurso de apenas 15 minutos. Bem me haviam avisado que, na Checoslováquia, devemos sempre discutir o preço antes de entrar num táxi, mas a vontade de chegar ao hotel era já muita depois dos 420 kms percorridos com demasiadas peripécias de permeio.

Neste dia tivemos ainda a oportunidade de dar um passeio a pé pelo centro da bonita cidade de Praga e, no dia seguinte, integramos duas visitas guiadas ficando a conhecer quase a totalidade da cidade, com as suas bonitas pontes e imponentes monumentos debruçados sobre o rio Vltava. Em Praga só não gostamos da autêntica exploração feita ao turista. É tudo demasiados caro e, nalguns casos, bem mais que a própria Noruega.

11º dia – 29 de Junho

Para tentar fugir ao calor, que aumentava à medida que descíamos em direcção ao Sul da Europa, neste dia retomamos a nossa viagem com destino a Lyon (França) às 07:00.

Curiosamente ou talvez por ser Domingo, não encontramos qualquer polícia Checo na estrada até à fronteira Alemã que, diga-se em abono da verdade, era muito melhor do que aquela por onde havíamos entrado dois dias antes, pelo Norte do País.

De qualquer forma todos nos sentimos aliviados depois de passar a fronteira Alemã, cerca das 08:15 horas. Havia acabado o clima de repressão policial !

Neste dia andamos a bom ritmo e, depois de almoçarmos em Baden-Baden, atravessamos a fronteira entre a Alemanha e a França, perto de Besançon, pelas 14:45.

Pela primeira vez nesta viagem quase nos perdíamos quando o Carlos Paz Ferreira ficou retido entre o tráfego da auto-estrada, devido à relutância dos Alemães em cederem a passagem às motos.

Depois de percorridos mais 1.126 kms, chegamos à circular de Lyon pelas 18:00 debaixo de

um intenso calor. Ajudados por um colega motard Francês, chegamos ao hotel pelas 19:00. Depois do habitual duche de fim de dia, jantamos no restaurante típico "Le Gaston", no centro histórico de Lyon, seguido de um agradável passeio a pé. Ao regressar de metro perdemo-nos à saída da estação e demoramos mais de 45 minutos à procura do hotel. Definitivamente esta viagem foi para esquecer em termos de (des)orientação. Nem a pé !

12º dia – 30 de Junho

Mais uma vez retomamos a estrada bem cedo, às 07:00 horas da manhã, rumo a Valência, na tentativa de fugir novamente ao calor e apanhar o ferry das 17:00 para Ibiza. Atravessamos a fronteira entre a França e a Espanha, perto de Girona, pelas 10:30, parando mais tarde para almoçar num restaurante de estrada a seguir a Barcelona. A caminho de Barcelona cruzamo-nos com milhares de "Harley Davidson" que regressavam da concentração comemorativa dos 100º aniversário da marca, realizado naquela cidade. O calor era muito, o que tornou bastante penosa esta penúltima etapa da nossa viagem. Além do mais não conseguimos chegar a Valência a tempo de tomar o ferry das 17:00 horas para Ibiza, o que nos obrigou a fazer mais cerca de 90 kms até Dénia, num contra-relógio terrível para apanhar o ferry das 19:00. Depois de uns penosos 1.098 kms, feitos quase sempre debaixo de temperaturas superiores a 30º C, chegamos finalmente a Dénia, somente 30 minutos antes da partida do ferry. Às 24:00 horas estávamos finalmente no Hotel Blau Park em San Antoni (Ibiza).

13º ao 21º dia – 1 a 9 de Julho

Passamos 9 dias maravilhosos em Ibiza, a fazer praia e a repousar dos cerca de 9.000 kms percorridos nos 13 dias anteriores. Mesmo assim percorri 911 kms em Ibiza, visitando as muitas praias e bonitas enseadas da ilha. No último dia, ao lavar a mota antes de regressar a Portugal, danifiquei o "joystick" do meu auto-rádio.

22º dia – 10 de Julho

Pelas 14:00 horas apanhamos o ferry em Ibiza, de regresso a Dénia, onde só chegamos pelas 19:30 devido a um atraso à partida do barco. Para não variar voltei a perder-me à entrada de Valência, só conseguindo encontrar o hotel Express by Holiday Inn San Luis às 22:00 horas, graças à ajuda de um taxista. Enervado pelo facto de me ter novamente perdido, ao chegar ao hotel e já parado, desequilibrei-me e deixei cair a mota. Graças aos protectores de carenagem, ganhei apenas uns arranhões na mala direita, mas fiquei com uma enorme mozza no ego. Depois de mais este episódio a intenção de adquirir um GPS era já uma certeza.

23º dia – 11 de Julho

Mais uma vez estávamos de volta à estrada bem cedo, às 07:00 horas da manhã, ávidos para regressar a Lisboa. Como ponto de honra e ao contrário do que acontecera em anos anteriores, desta vez não me perdi ao atravessar Madrid pelas 11:00 horas da manhã. Neste dia mantivemos um andamento bastante rápido, atravessando quase toda a Estremadura Espanhola antes do almoço. Paramos para almoçar já perto de Badajoz, pelas 14:00, com a temperatura a atingir os 42º C à sombra ! Atravessamos a fronteira Portuguesa pelas 15:00 horas locais e, às 16:30, estávamos em Lisboa, a atravessar a ponte Vasco da Gama, depois de percorridos os últimos 1.008 kms de uma viagem memorável e, acima de tudo, sem incidentes dignos de registo. Para grande pena nossa, só depois de chegar a Lisboa e ao aceder à Internet, deparei com um simpático e-mail enviado pelo Deputado "motard" Rodrigo Ribeiro no dia anterior, quando já estávamos na nossa viagem de regresso a Lisboa, oferecendo-se para nos receber junto à

Assembleia da República. Teria sido a cereja que faltava a encimar um inesquecível "bolo" de 10.958 kms. Fica para a próxima !

Não satisfeito com tantos quilómetros, no dia seguinte ao da minha chegada a Lisboa, integrei o "1º Encontro FJR1300PT", um belo passeio e um momento alto de confraternização entre proprietários de Yamaha's FJR 1300 em Portugal e outros colegas motards. O encontro realizou-se no centro do País, na zona da Serra da Estrela. Percorremos cerca de 900 kms em 2 dias, mas esta já é outra história...

Estatística:

O melhor: A estadia na Noruega

O pior: O incidente do túnel na Noruega

Total de Kms: 10.859 (incluindo 911 kms em Ibiza)

Total de dias: 23

Consumo médio: 7,6 litros / 100 kms. A melhor média foi feita na Noruega com 5,65 lts. / 100 kms.

Problemas técnicos: Uma ligeira anomalia no alarme, em França, e a avaria do "joystick" do auto-rádio, já em Ibiza.

Custo total da viagem: Cerca de 4.000 euros por casal, excluindo a estadia em Ibiza.

Países visitados: Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Alemanha; Dinamarca, Noruega, Suécia e Republica Checa

Veja as fotos no meu site: <http://pierre.inazores.com>